

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES - GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES — ALFREDO TOLEDO E NUNO GAMA

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 7 DE ABRIL DE 1889

REDAÇÃO A RUA DO OUVIDOR — (HOTEL AURORA)

ANNO I

N. 6

LIVRO DA PORTA

Assinatura (Capital) mes..... \$500
Pelo correio, trimestre..... 24000

BRINDE

A ALFREDO TOLEDO

Amante de tudo quanto diz respeito ao bom progredimento social, apreciador sincero d'esses rapazes de talento, que buscam perfectibilisar-se na estrada matizada de luz e de grandezas, instruindo-se nos livros, que são as verdadeiras laminas das sciencias, cujo brilho achase apenas eclipsado pela interposição das capas, eu, que ardentemente, delirantemente, aprecio tambem o evolucionamento das idéas, como confrade de letras e companheiro de lutas, saúdo a Alfredo Toledo, um dos mais ardentes sustentáculos do vasto edificio da intellectualidade humana, sempre incapaz de arrear um passo, desde que se compenetre d'elle e de sua utilidade.

Não é preciso só ter-se a melhor boa vontade para a execução de um plano, nem que hajam obreiros e o material necessarios para pô-lo em pratica; não, quando tal plano traz os interesses dos povos, ramificando os costumes e augmentando sempre os interesses sociaes, é preciso o concurso de todos, sem o que, seria uma luta arida, esteril, contra elementos mais fortes, possiveis de obstruir, desde que todos se compen-trem de seus deveres de cidadãos para com a patria, que por meio do jornalismo, por meio dos raios de sua litteratura, pôde ser avaliado o seu progresso.

Alfredo Toledo tem consigo além de um talento robustecido, um espirito forte e expansivo, e como tal nunca renunciaria a uma luta d'athletas, se tal houvesse; seria grande, altaneiro, como o carvalho das florestas, que não cede a impetuvidade da procella. Assim na redacção da POLYANTHEA será mais um gigante, que batalhará austero contra os elementos adversos, contribuindo d'esse modo para que o pa-

vilhão da litteratura patria, sempre fluctue, aureolado da luz pura e acrisolada das gerações hodiernas.

Como companheiro d'armas de Alfredo Toledo, digo, como o autor das ESPUMAS FLUCTUANTES, espirito de luz sobrenadando em oceano de crystal:

— Amigo! o campo é o ninho do poeta.

Proseguir.

FERNANDO CALDEIRA

7 de Abril de 89.

DESPEDIDA

(A...)

Adeus, que eu parto chorando,
triste, afflicto, sem esperança
vou pelos mares afóra,
das ondas do vasto oceano.

Adeus, que eu parto chorando,
vou até dos céos descerendo,
sem saber si mais te vejo,
eu vou aos poucos morrendo.

Adeus, que eu parto chorando,
nas ancias da despedida,
vou, oppressa de agonias
sentindo fugir-me a vida.

Ai! Adeus, adeus, que eu parto
para bem longe chorando,
triste a idéa que me esqueças
vou saudosa em ti pensando.

Ai! Adeus, adeus, que eu parto
sem jámais achar ventura
parto em ancias, moribunda,
co'os olhos na sepultura.

Desterro, 1 de Abril de 1889.

UBALDINA A. D'OLIVEIRA

ANNIVERSARIO

O vasto clarão do sol do dia 7 de Abril illumina mais um anno de preciosa existencia do nosso estimavel collega de redacção, Alfredo Toledo.

Se outr'ora, entregues ao lethargo da indifferença, viamos passar pelo nosso abençoado solo homens extraordinarios, de reconhecidos talentos, que consagravam a maior parte de sua vida, a mais robusta, ao estudo das sciencias, hoje, erguemo-nos

para applaudir áquelles que, como Alfredo Toledo, divulgam-se pelo esforço masculino de uma intelligencia brilhante, evidentemente provada no vasto areopago da litteratura moderna.

Orador fluente, escriptor de estylo terso apparece na imprensa com o seu nome, discutindo em prol da instrucção e educação, desenvolvendo amplamente os seus escriptos com uma linguagem vibrante, convincente e criteriosa.

Dedicado com extremo aos livros, nas horas em que devia descansar das fadigas intellectuaes, o vemos ainda no Lyceu de Artes e Officios, como professor da aula de Latim, animando sempre com palavras cheias de entusiasmo os alumnos que páram ante as difficuldades d'essa lingua.

No dia de hoje, em que elle completa 19 annos de idade, permitto abraçar tão distincto collega e amigo, espargindo em sua fronte loiros desfolhados cujas folhas levadas pelo vento vão cair sobre a cidade de Bragança, seu berço natal, como uma chuva de perlas e diamantes.

Desterro—7 Abril—89.

NUNO GAMA

SORRISO!

A MEU AMIGO J. A. FERREIRA ALVES JUNIOR

Um sorriso! Um sorriso nos labios da mulher que se ama! Oh! gozo ineffavel! Prazer immenso! Alegria eterna! Felicidade suprema!

Um sorriso! Nardo que perfuma as horas da nossa existencia, luz que nos irradia a fronte, sombra que nos protege, aurora que nos alegra, primavera que nos encanta, ave do paraizo que nos acolhe debaixo de suas azas!

Um sorriso! Nuvem que vaga no céo; esperança que desabrocha, sentimento que se expande, botão de

rosa que se abre, amor que se anuncia, o paraizo que se mostra!

Oh! um sorriso! E ella sorrio-me bella, engraçada, amorosa, seductora, modesta, como a violeta, que se occulta nas folhas verdes, como o colibri que esvoaça no prado, como a rolinha que geme no arvoredado, como um sonho que nos encanta, como um pensamento que nos alegra, como uma idéa que nos acalenta!

Oh! como é bello beber a vida no calix de rubim de uns labios de mulher!

Lêr n'esse livro encantado, que se fórma de duas petalas de rosa, e cujas letras são perolas de orvalho, a innocencia de sua alma, a intensidade de seu amor, os transportes de sua felicidade!...

Um sorriso! Um sorriso é o céu da nossa ventura, ou o inferno da nossa desgraça! Se não projecta luz, espalha sombras; se não eleva, abate; se não dá vida, mata; se não é o Sinai, é o Gethsemani!

Um sorriso! Eu te abençôo, meu anjo, porque sorristes para mim!

ALFREDO TOLEDO

Bragança—1888.

SONETO

Crescite et multiplicamini.
(GENESIS)

N'um só dois corações amor fundindo,
Na doce communhão, da vida fonte,
Já transforma-te o sor: bello horizonte
Ora se desenrola a ti sorrindo.

Da triste, escura solidão fugindo,
Já venturosa luz te aclara a fonte;
Derrama em derredor prazer insonte
Co's videira abraçado olmeiro lindo!

Bem como ao solo a laranjeira atada,
Si a rega meigo e brando o céu rotundo,
D'esmeraldas e per'las fica ornada;

Assim do thoro nupcial fecundo
Brote na flôr da esp'rança a prole amada.
Multiplique-se o goso e cresça o mundo!

Em 1879.

WENCESLAU BUENO

A ENCANTADORA...

A JOÃO DAMASCENO VIDAL

Vae subindo o horizonte o rei dos astros!

Que transformações! Que goso indefinido experimenta a alma do poeta!

Até então um véo sombrio, occultando aos nossos olhos o quadro admiravel das côres matutinas, não permittia que vissemos os maiores attractivos da natureza—a brilhante aurora.

Quem é aquella deusa que, aproveitando o silencio e a magica tristeza de uma manhã sem côres—foge aos primeiros clarões de um sol de estio, e vae se esconder nas arvores da montanha?

Parece uma d'essas aves ainda não aclimatadas, que presentindo o primeiro clarão do dia, voam desordenadas, internando-se até o fundo das florestas...

Bella—não quer ostentar seu raro semblante: de fórmas delicadas, dir-se-hia a aurora que tinha se occultado aos olhos dos mortaes!

—A fonte que espelhára suas fórmas angelicas ondúla tremulando e anciosa, como presa de um terremoto: aos raios vivissimos e arden-tes de um sol abrazador mal scintilla seu dôrso inquieta como ferida de uma grande magoa...

Quem era aquella sombra que o magico clarão levou p'ra arvores da montanha?

Que encanto sobrehumano perdeu a fonte crystalina que mais parece um mar em furia do que a imagem candida do valle que reflecte as lindas boninas que se coçam de margens?!

Seria o anjo da poesia? A Venus dos amores? Alguma pastora que enternecida pela ausencia cruel do seu querido amante, não pudesse supportar aquelle clarão que lhe despertava todo o quadro mimoso e suavissimo que lhe fôra arrebatado?

Mas... a poesia não quer sómente o fundo das florestas, ella tambem se agrada do ar livre e perfumado dos campos, dos valles, das campipinas, dos arroios, das villas e cidades; entra com a mesma franqueza na choupana do pobre como no palacio do rico, não ha nuvens que a possa marear, nem intrigas que a vençam, é a encarnação do poder creador.

A Venus? esta não deixa o paramo dos céos, de lá não volta.

A pastora? Não era de humano a fórma que desapareceu: a agilidade espantosa de seu corpo de fada, os seus movimentos repentinos de apparição tão rapida como a que fez o primeiro raio de sol ás sombras do dia, não podiam provar outra cousa senão a superioridade d'essa visão, que excede toda nossa luz, toda nossa intelligencia.

Quem é pois aquella deusa, que impressionou os campos, admirou os montes, e fez de uma lympha se-

rena e placida, a mais inquieta, revolta e desordenada!

Se não é o anjo da poesia, nem a pastora, nem a Venus, emflamadora de amores, que sylpho foi aquelle que tanto nos admirou?

A sua fórma tinha alguma cousa de aério, muito de luz, não obstante ter fugido aos primeiros raios do sol.

Ah! comprehendemos. Vêm-nos á memoria a condição sublime da modestia... E' a sua fórma, o seu esplendor, a sua luz, a sua vida... vida que se arrebatou, mas que foge com medo das corrupções infames do mundo.

Desterro, 29 de Março de 1889.

SILVIO PELLICO

A ANTONIO PARRERAS

Pinta-me a curva d'estes céos... Agora
Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma...
Pinta as nuvens de fogo, de uma em uma
E alto, entre as nuvens, o raio da aurora.

Solta na altura os véos d'espessa bruma,
E o valle pinta, e, pelo valle a fóra.
A correntosa turbida e sonora
Do Parahyba em torvelina de espuma.

Pinta! mas vê de que maneira pintas;
Antes busques as côres da tristeza,
Poupando o escriptorio das alegres tintas:

— Tristeza singular, extranha magoa,
De que vejo coberta a Natureza,
Porque a vejo com os olhos cheios d'agua.

OLAVO BILAC

O CASTELLO DOS PHANTASMAS

(CONDESSA DASH)

A Salles Brazil e F. Margarida

(Conclusão)

Eu continuava a passar dasappercebido, como si todos ignorassem a minha presença.

Entretanto, algumas vezes, Cesar Borgia olhava-me obliquamente, e uma expressão de zombaria satânica animava a sua physionomia.

De boa vontade daria dez annos de vida para achar-me na floresta, no meio dos salteadores.

Na floresta poderia ao menos defender-me, lutar, e talvez vencer.

Por dez ou doze vezes tentei fazer o signal da cruz; mas um poder sobrenatural prendia-me os braços ao longo do corpo.

Alquebrado, com os ossos a estalarem, com as carnes ardendo, nos

paroxismos de uma indisivel tortura, eu vi o duque Cesar Borgia dirigir-se para mim, sorrindo, com o olhar fascinante.

— Muito bem, — disse-me elle, com a mesma voz aspera e rude do porteiro. — Quizeste ficar: ahí tens o resultado. Foste aconselhado, e só de ti podes queixar-te. Agora estás iniciado em mysterios tão grandes, que te hão de esmagar com o seu peso. Não se póde viver depois de contemplar este espectáculo. A tua hora derradeira vai soar.

— Seja feita a vontade de... — murmurei.

Não pude pronunciar o nome de Deus.

— Agora pertences-me para toda a eternidade.

Senti como si um animal feroz me dilacerasse o peito com as garras aduncas.

— Mas o que é isto?... que gente é esta?... — perguntei.

— São os meus cortezãos, e os cortezãos de minha familia; são os amigos, cujos conselhos, cujas lisonjas, cujo servilismo perdeu-nos a todos: são os cúmplices de todos os meus crimes....

— E o senhor, o mais criminoso, o mais perverso de todos, não soffre também?... —

— Eu!

Uma dôr inexprimivel confrangeu-lhe a fronte nvida.

— Eu, soffro mais do que elles, porque elles serão perdoados, e eu estou condemnado sem remissão. Eu, o demonio do orgulho, hei de vagar eternamente sobre a terra, disputando a minha vida á miseria.... Infimo guarda d'este palacio em ruinas, onde reinei outr'ora, sou continuamente perseguido pelas recordações e pelos remorsos, esmagado pela humilhação, obrigado a servir os outros, eu, que tive exercitos de creados e de lacaios para me servirem... Tal é o meu supplicio... Não é mais horrivel do que aquelle?

E apontou para a turba.

— Não. O teu supplicio não está em relação aos teus crimes....

— Julgas?... Pódes julgal-o com as idéas mesquinhas da tua época, tu, que não sabes o que foi Cesar Borgia, filho de Alexandre VI. Não pódes comprehender de onde cahi e até onde desci.... Depois, não termina ainda aqui o meu tormento....

— O que ha mais?

— Eu vivo e hei de morrer.... mas não morrerei de morte natural e ficarei aqui. Esta scena renovar-se-ha todas as noites, até á consumação dos seculos, si eu não receber a morte das mãos de um enviado da justiça eterna.... No momen-

to em que minh'alma abandonar o meu corpo, todos esses miseraveis que vês estarão salvos, menos minha irmã, que deve partilhar eternamente a minha punição. Os tormentos de todos elles recahirão sobre mim, e eu serei o mais atormentado de todos os condemnados que se revolvem no inferno, porque blasphemei e duvidei da bondade de Deus... Eu só posso ser ferido a esta hora e n'este logar. Eis porque neguei-te hospitalidade, eis porque exigi que me entregasses todas as tuas armas....

Uma idéa atravessou-me o cerebro.

— E' a Providencia que m'a envia!... — pensei.

E levei a mão ao bolso de collete.

— Então, — perguntei, — a tua morte será a liberdade de tantos seres que soffrem ha tres seculos?

— Sim, mas elles soffrerão ainda durante longo tempo, porque eu não permittirei que os salvem.

Afaguei um momento a coronha de uma pequena pistola, que me havia esquecido de entregar com as outras armas; depois, tirei-a rapidamente do bolso na occasião em que Cesar Borgia voltava-me as costas, e fiz fogo.

— Estão salvos! — exclamei.

Ouvi o ruido da queda de um corpo, e tudo desapareceu.

Achei-me na mesma sala onde tinhamos ceado.

No fogão não havia mais lume.

A' pallida claridade da aurora, que entrava pelas janellas sem vidros, recuei de subito ante um espectáculo horrivel.

Adriano estava estendido no sobrado, banhado em sangue e com a cabeça despedaçada por uma bala... a bala da minha pistola.

Eu havia adormecido sem duvida, e durante o meu somno tivera um sonho, um accesso de somnambulismo, um pesadelo.

O meu melhor amigo estava morto, e morto por mim.

A minha imaginação superexcitada, a vista d'aquelle desenho extraordinario, a physionomia patibular do guarda das ruinas, as lembranças ensanguentadas d'aquelle castello maldicto — tinham feito de mim um assassino!

Desterro, 6 de Abril de 1889.

HORACIO NUNES

TYPOS E CASOS...

Estou mesmo em jurar que não succederia ao diabo, o caso que deuse com um dos nossos melhores rapazes.

Nada menos do que um festejado cacete, mais cacete do que eu, atacal-o em plena rua por onde elle ia, muito religiosamente, raciocinando sobre os botões da casaca de Christo, e, em linguagem de intimidade e impetos de bestalhão, deitar-lhe ao ouvido esta confissão tacita do seu idiotismo sem nome:

— « Sabes? ando n'uma conquista sublime!

« E' uma MENINA esplendida! Tem uns olhos que parecem duas lampadas accensas á porta do meu coração!

« Que olhos... »

E o rapaz amollado.

— « E' pallida e morena, mas que pallidez magnifica, meu amigo... E que encanto o corpinho d'ella!

« Costumo vê-la quasi sempre de paletó branco. Que simplicidade deslumbradora!

« Que sympathia, oh! que sympathia... »

Aqui o typo coçou, furiosamente, a cabeça, continuando, depois, a sua musica de quem apregoa namoro ás canadas:

« E a coisa vai perfei... bem! A' tarde, ella está sempre á janella... Tu conheces, homem; tu viste: mora n'aquella rua em que tu passas muito, mesmo n'aquella casa em cuja frente parei hontem para pedir-te um cigarro... »

« Conheces, repetio o cacete, insistentemente.

O rapaz comprehendeu, por fim, de quem se tratava, e fingindo-se que não estava cada vez mais amollado com a historia, attendeu ás reticencias do bilontra:

— « Sim, conheço. E' namorada, ha muito tempo, de um collega meu. »

O typo, querendo disfarçar esse fiasco inaudito, tornou:

— « Não; é a que mora adiante um pouco, homem de Deus! »

— « Conheço, tornou o rapaz: é a noiva de um amigo nosso. »

O doudo, em vez de engatilhar um meio de pôr-se ao fresco com a segunda decepção, ainda pretendeu encontrar o rapaz em novo equivo-co, e assim foi que insistio, com ares de vencedor:

— « Bolas! a MENINA por quem estou louco de amor, não póde ser nem a namorada, nem a noiva de ninguem: é uma moça que costumo vêr, na mesma rua, do lado opposto. »

E o outro não quiz, contudo, aggravar-lhe a tristíssima situação em que estava: deixou passar a phrase e despedio-se d'elle, sem preambulos.

Sabe-se, porém, que a casa do lado opposto é uma estribaria velha e despresada.

E a moralidade do caso está em que o tolo não conseguiu achar o seu ideal nem mesmo na mangedoura!

Desterro.

LYDIA BARBOSA

FACTOS

PARTIDA

Seguiram no dia 3 do corrente, para a provincia de Minas-Geraes, em companhia de sua Exma. mãe e irmãos, as illustres e festejadas poetizas, nossas collaboradoras, DD. Ibrantina e Ubaldina d'Oliveira.

A *Polyanthea*, noticiando sua partida, sente immenso, pois incontestavelmente ellas deixam em nosso orgão um

DD. Ibrantina e Ubaldina, que por mais de uma vez honraram nossas columnas, com suas poesias, em que predomina sempre o sentimento, sam magnificas poetizas de cujo buril os versos se soltam com o facetado do diamante.

Ibrantina de Oliveira é uma distincta cultora das Musas, é uma parnasiana na ampla accção da palavra.

Sua poesia não é sempre subjectiva, mas em todos os seus versos sente-se a mysteriosa absorção de uma contemplativa, elevando-se na visão do mundo intimo.

Ha virilidade em seu idealismo, levemente melancholico, que procura sem cessar um molde peregrino para recortar a idéa, e que o encontra ás vezes, superlativamente perfeito.

Sonetista primorosa, fazendo brotar das cesuras do verso a cor e o som, imprimindo-lhes, a espaços, um bello relevo marmoreo, alguns de seus esplendidos sonetos têm o vivo e faiscante colorido de uma aquarella de Fromentin.

Ella põe de parte a *sensiblerie*, as imagens de effeito, as declamações, os *trucs* e dá-nos seus versos limpidos e repassados de sentimento.

Suas poesias sam levemente melancholicas; essa melancholia, porém, a gente não a vê escripta nos versos, mas sente-a.

E' essa a perfeição na poesia.

A poesia tem isso de commum com a musica.

Tambem o musico não pôde descrever a tristeza nem alegria, não a descreve, *communica-a*.

A alma do poeta, como a do musico, é o prisma atravez do qual a gente vê a natureza com as qualidades especiaes que esse prisma lhe dá.

As poesias de D. Ubaldina sam primorosas, porque juntam ao sentimento intimo o sentimento *externo* da natureza e a originalidade.

Ella se resume ao: «Toujours aimer, toujours souffrir, toujours mourir», de Corneille.

O amor!

E' este o unico Ideal de Ubaldina, o amor, o eterno amor, o omni-sciente que paira acima de todas as evoluções litterarias, de todas as declamações empiricas, de todas as escolas, mais ou menos transitorias, que evangelizam em nome do sentimento humano, em uma região defesa á sciencia, que tem na voz ineffavelmente cariciosa o irresistivel dom de sedução que a nenhum sabio foi dado possuir, que commove, domina e triumpha com uma simples palavra, enquanto a philosophia intenta em vão attrahir-nos para o sombrio labyrintho da metaphisica, onde ella divaga, mordida pela tantalica sede do ignoto que perden Fausto.

A sua doce poesia desartificiosa, de uma fluencia cheia de espontaneidade, *satisfaz-se em ser profundamente humana e nimamente sincera.*

A paixão evoluendo-se do coração da mulher para a lyra da poetisa, abandonando-se sem violencia ao appello do rythmo, destilla de cada verso um filtro embriagador.

A *Polyanthea* ainda desta feita offerece hoje a seus leitores um mimo inapreciavel, uma heliotropia de fina agua e facetada por mão de mestre, uma poesia—A despedida—da festejadissima escriptora e brilhante a mais não ser D. Ubaldina A. de Oliveira; esperando que, de quando em vez, possamos mimosear nossos leitores com os seus electricantes escriptos.

Nós, privados de tão habeis pennas, o que muito e muito sentimos, almejamos que o paquete *Victoria*, as ténha conduzido com fagueiras auras a patria liberrima dos Andradas e Gusmões, e que de lá sigam com boa viagem ao destino, isto é, a terra de Tiradeutes e de Marilia de Dirceu.

A *Polyanthea* acena-lhes com o lenço um adeus branco e tremalante jogado d'aqui bem de longe.

DR. THEOPHILO DIAS

O ultimo paquete do norte trouxenos a infausta noticia do passamento prematuro d'esse preclaro homem de letras, na capital de S. Paulo.

O mavioso poeta da *Comedia dos Deuses* era natural da provincia do Maranhão, e recebeu o grão de bacharel em sciencias sociaes e juridicas na Academia de São Paulo.

A Assembléa Provincial Paulista já conton-o em o numero dos representantes d'essa heroica provincia de S. Paulo, em que vivera como advogado distincto e jornalista de pulso.

Elle era ligado a familia importantissima do conselheiro Martin Francisco.

Em seus tempos academicos foi sempre admirado por seus collegas, de quem sobresahia brilhantemente, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima, Valentin Magalhães e outros.

A *Polyanthea* depõe sobre o tumulo do desditoso poeta uma corôa de saudades, visitando-o em sua ultima morada, junto do grandioso e immortal José Bonifacio.

Caixa dos Empregados do Commercio

A distincta sociedade, cujo nome encima estas linhas, por intermedio de seu intelligente e sympathico secretario o Sr. Lauro Linhares, teve a gentileza de officiar-nos em data de 4 do corrente, brindando-nos com um exemplar dos estatutos que regem aquella utilissima associação.

Penhoradissimos agradecemos o brinde e fazemos ardentes votos para que a digna corporação continue a marchar altiva até chegar a meta a que se propoz, já por contar em seu gremio moços talentosos, já pela boa marcha que tem tido, e finalmente por ser de um fim tão utilissimo qual seja a beneficencia.

Saudando a distincta associação bradamos:—Away!